

## SILENCIAMENTO DO NOME VOLDEMORT EM *HARRY POTTER*: APONTAMENTOS SOBRE DISCURSO E PODER

JÚNIOR, Joseeldo da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa analisar o discurso de silenciamento e as relações de poder na obra *Harry Potter*. Como se sabe, a narrativa de J. K. Rowling é um dos maiores fenômenos da literatura contemporânea, vindo a se tornar objeto de estudo em diversos campos do saber. Neste artigo, a partir da Análise do Discurso “com” Foucault, propomos perscrutar a pertinência das noções de discurso e poder, tomando como problema o fenômeno do silenciamento promovido ao nome Voldemort – o antagonista da trama. Durante toda a série o nome do vilão é frequentemente substituído por qualificações tais quais “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado” ou “Você-Sabe-Quem”, como estratégia para evitar a sua nomeação, cabendo apenas a Harry e Dumbledore resistirem e demarcarem posição contra o bruxo. As análises apontaram para uma política de silêncio em que opera o medo, como se Voldemort representasse, em outro contexto, a figura ocidental do diabo, advindo daí um dos motivos do apagamento de seu nome. Trata-se de um estudo em que emprega como metodologia uma pesquisa de cunho qualitativo com viés descrito-interpretativo e que toma como arcabouço as teorizações de Michel Foucault.

**PALAVRAS-CHAVE:** Harry Potter. Discurso. Relações de Poder. Silenciamento.

## SILENCE OF THE NAME VOLDEMORT IN *HARRY POTTER*: APPOINTMENTS ON DISCOURSE AND POWER

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the silencing discourse and power relations in *Harry Potter*. As it is well known, the J. K. Rowling narrative is one of the greatest phenomena in contemporary

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística no Programa de Pós-Graduação de Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Licenciatura Plena em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: [joseeldojr@gmail.com](mailto:joseeldojr@gmail.com).



literature, and has become an object of study in different fields of knowledge. In this article, based on the Discourse Analysis “with” Foucault, we propose to investigate the pertinence of the notions of discourse and power, taking the silencing promoted by the name Voldemort – the antagonist of the plot – as a problem. –Throughout the series the villain's name is often replaced by qualifications such as "He-Who-Must-Not-Be-Named" or "You-Know-Who" as a strategy to avoid his nomination, falling only to Harry and Dumbledore to resist and take a stand against the witch. The analyzes pointed to a policy of silence in which fear operates, as if Voldemort represented, in another context, the western figure of the devil, hence one of the reasons for the deletion of his name. This is a qualitative research with a described-interpretative bias, taking Michel Foucault theories as a framework.

**KEYWORDS:** *Harry Potter*. Discourse. Power relations. Silence.

## INTRODUÇÃO

Numa analogia arriscada entre o “poder da magia” em *Harry Potter* e o “poder do mundo real”, há uma certa semelhança quando se pensa as ações que os sujeitos lá e cá exercem um sobre o outro, na medida em que, consoante Foucault (1995, p. 240), caracteriza o poder como instância que “coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos)”. Assim, tanto em *Harry Potter* quanto nas relações sociais humanas verifica-se enfrentamentos, embates e disputas que incidem no sujeito e na sociedade o exercício de poder.

Ao falar em “poder da magia” não nos referimos apenas às relações de forças que se desenrolam em toda a trama, mas também na discursivização dos feitiços, haja vista que certos dizeres são interditados em razão da ordem discursiva (FOUCAULT, 2014) que prevalece na sociedade mágica de *Harry Potter*<sup>2</sup>. Na verdade, ao que parece, há uma densa relação entre o que se diz e o que se vive na narrativa, o que é obviamente característica de qualquer sociedade, afinal há certo dizeres, como no campo da sexualidade, revestidos por brutal interdição.

Nesse sentido, o poder oscila entre o silêncio e a permissão, que ora interdita, ora autoriza o discurso, dependendo da posição que o sujeito ocupa e considerando que sempre há

---

<sup>2</sup> Conjurando determinado feitiço, como é o caso da maldição *Avada Kedavra*, exige que o seu mentor transgrida às normas, às leis que o impede de fazê-lo. Porém, mais do que isso, implica dizer que o transgressor integra uma sociedade discursiva marcada pelo crime, desrespeito e violação. Isso porque cada sociedade, como explica Foucault (2014), tem sua região cinzenta, restrita a certos discursos. No caso de *Harry Potter* é evidente que o bem e o mal são as dualidades que definem e demarcam horizontalmente os indivíduos, daí que certos dizeres são caracterizados como benéfico e/ou maléfico para a comunidade. Evidentemente a maldição *Avada Kedavra* instituiu-se como um discurso proibido e, consequentemente, passível de interdição.



um espaço vazio (FOUCAULT, 2010, p. 61), preenchido na medida que é exercido “um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala”. Ou seja, é a posição-sujeito em contato com o poder que determina a autorização ou interdição de um dizer, visto que “uma posição-sujeito não preexiste ao discurso, mas se produz, se materializa e pode ser apreendida nele” (PEREIRA, 2011, p. 03).

Com efeito, todo o discurso tem, em sua produção, o poder como instância e explicitá-lo, na esteira do que diz Veyne (2014, p. 26), consiste em interpretar o que as pessoas fazem ou dizem, “em compreender o que supõem seus gestos, suas palavras”. Assim, dado que as relações de poder “se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos” (FOUCAULT, 1995, p. 241), tem-se, nessa intersecção, enunciados que “apontam para uma posição-sujeito” (FERNANDES E ALVES JÚNIOR, 2008, p. 108), esta, por sua vez, ocupada graças as relações de poder. Trata-se, portanto, de um jogo que circunscreve o discurso e o poder em uma mesma trama.

Nessa perspectiva, a narrativa de *Harry Potter* traz um fenômeno curioso e recorrente aos personagens na ocasião da pronúncia do antagonista da obra – qual seja: o apagamento do nome Lorde Voldemort. Em toda a série é frequente a marcação de qualificações como “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado” e “Você-Sabe-Quem” para se referir à Voldemort, cabendo apenas ao próprio Harry Potter e ao bruxo Alvo Dumbledore nomeá-lo. O fenômeno linguístico repousa no fato de que Harry e Alvo demarcam posições de força, daí que citá-lo pelo próprio nome revelava igualmente uma resistência. Em vista disso, nosso propósito neste artigo é analisar o silenciamento promovido ao nome Lorde Voldemort na obra *Harry Potter* observando as relações de poder discursivizadas pelos personagens da narrativa.

Tratar-se-á de um exercício analítico que toma como escopo teórico a arqueogenealogia de Michel Foucault, cujas teorizações contribuíram para Análise do Discurso foucaultiana, campo de estudo em que se inscreve esta pesquisa. Metodologicamente, este artigo se caracteriza por ser de cunho qualitativo com viés descritivo-interpretativo, na medida que visamos “investigar, com conceitos, processos que contêm um componente “conceitual” (DURÃO, 2015, p. 381), demonstrando a produtividade da pesquisa literária a partir da Análise do Discurso “com” Foucault e tomando como objeto de estudo as seguintes obras: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.



Quanto à estrutura deste manuscrito, ele assim se compõe: na primeira seção discutimos a noção de formação discursiva à luz das teorizações de Foucault na *A Arqueologia do Saber*; em seguida, pautamos a noção de poder e discurso, pontuando como um e outro se interseccionam e podem ser vistas na narrativa; na terceira seção, frisamos a questão do silenciamento enquanto política discursiva presente em *Harry Potter*, analisando como esse silêncio opera ora como proteção, ora como resistência durante toda a história; por fim, tecemos breves considerações finais, destacando a produtividade da análise do discurso foucaultiana nos estudos literários.

## O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA EM FOUCAULT

O conceito de formação discursiva, consoante Voss (2020), foi submetida a uma série de discussões que o levou à avanços e recuos. Na mesma esteira, Maingueneau (2020) aponta que esse conceito, além de apresentar uma dupla – e às vezes problemática – paternidade entre Foucault e Pêcheux, tende a sofrer reformulações inspiradas nesses dois autores. O próprio Maingueneau (2020) propõe outra redefinição e abordagem da noção, com a aplicabilidade do que ele chama de unidades tópicas e não-tópicas. Embora, é verdade, haja desentendimentos e confusões quanto o conceito de formação discursiva, ainda assim insistimos em continuar com a teorização lançada por Michel Foucault (2010) em *A arqueologia do saber*, a partir da clássica e gasta definição do autor:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2010, p. 43).

A formação discursiva, a grosso modo, visa descrever as regularidades em meio a dispersão tomando como método a descrição das unidades, a saber: *a formação dos objetos, a formação das modalidades enunciativas, a formação dos conceitos e a formação das estratégias*. Estes conceitos, conforme explica Voss (2012), são ainda articulados com outras noções a fim de corresponder a pretensão foucaultiana de descrição arqueológica, a exemplo da



superfície de emergência, instância de delimitação e grade de especificação – que compreendem a formação dos objetos – e o estatuto de quem fala – posição sujeito e lugar instituição, que correspondem à formação das modalidades enunciativas.

Para este trabalho, interessa-nos como conceito analítico a formação dos objetos e a formação das modalidades enunciativas. Veremos, ao longo do manuscrito, que as relações de poder, sujeito e discurso se articulam e alicerçam sobre essas instâncias metodológicas, assim caracterizadas: *formação dos objetos* – visa analisar a existência de certos discursos mediante três procedimentos metodológicos, acima pontuados e aqui retomados mais uma vez: *i) superfície de emergência*, que tem por finalidade demarcar os objetos em certos espaços/lugares e a partir disso definir seus nomes, classificações e conceitos; *ii) instância de delimitação*, que propõe, após demarcação da superfície de emergência, criar delimitações, ou seja, quando da formação da literatura enquanto superfície, há de se produzir aí as distinções, designações, nomeações e instaurar outras áreas, como a literatura romântica, infantil ou fantástica; *iii) grade de especificação*, que por fim, separa, opõe, associa, reagrupa, classifica e deriva os objetos do discurso anteriormente delimitado, distinguindo-se um do outro.

A *formação das modalidades enunciativas* se alicerça mediante três propriedades, quais sejam: *i) o estatuto de quem fala*, cujo propósito é demarcar o status do sujeito que fala e a instância que regulamenta seu dizer; *ii) o lugar institucional*, que compreende basicamente o lugar de onde é proferido o discurso; e *iii) posição sujeito*, propriedade que se constitui mediante as posições discursivas em que o sujeito dela se ocupa. Como visto no tópico introdutório, a posição-sujeito é ocupada graças as relações de poder que são postas em práticas pelos personagens da narrativa *Harry Potter* e, como pontuado, ocorre de acordo com o tipo de discurso proferido. Nesse caso, o discurso de resistência prevalece.

Vale frisar ainda que a formação dos objetos não se define, necessariamente, a partir de todos os procedimentos metodológicos elencados, pois conforme explica Foucault (2010), na descrição arqueológica há o objetivo de relacionar os objetos com outros discursos e, muito mais que isso, definir suas condições de aparecimento histórico. Visa-se, sobretudo, “fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterrem na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexos das regularidades que regem sua dispersão” (FOUCAULT, 2010, p. 54), pois nesse exercício, a análise discursiva possibilitará compreender as regras de um discurso, não como conjunto de signos, mas sim como prática que constituirá os objetos que nos apropriamos para falar.



## RELAÇÕES DE PODER E RESITÊNCIA EM *HARRY POTTER*

Quem se propõe estudar a obra de Foucault se dá conta que inexistente linearidade no seu pensamento quando se pretende focar um determinado conceito. É assim com a noção de discurso e igualmente com a noção de poder. Deleuze aponta isso e explica que Foucault não expôs um princípio do poder – e aqui nós estendemos para as demais teorizações por ele feita – por uma questão básica: “o poder não tem princípio” (DELEUZE, 2020, p. 11). Isso quer dizer que a noção de poder está imbricada em toda a sua obra.

O que Foucault, então, entende por poder? Em apenas uma única palavra, Deleuze (2020) define poder como *relação*. É evidente que o poder em Foucault é um mecanismo muito mais denso, mas sem dúvida tem a *relação* como composição. A respeito disso, numa dura crítica à perspectiva marxista, Foucault (2006a, p. 233) diz não buscar “ver qual é a aberração produzida nos aparelhos de Estado”, mas sim constatar “que as relações de poder são intrincadas em outros tipos de relação (de produção, de aliança, de família, de sexualidade) em que desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado” (FOUCAULT, 2006b, p. 248).

Dessa forma, as relações de poder não se encontram como uma superestrutura, como se a partir dela adviessem outras relações. Na verdade, as demais relações estão intrínsecas nas relações de poder, por isso não há de se falar somente em proibição ou interdição, haja vista que o poder tem um papel produtivo. Além disso, as relações de poder são intencionais, dado que há nelas cálculos e estratégias e, ainda que feitas aleatoriamente, tem um objetivo.

Temos, portanto, que o poder não diz respeito somente aos dominadores e dominados, como se só assim fosse exercida uma força sobre o outro, mas sim no fato de que “o poder vem de baixo” (FOUCAULT, 2018, p. 102) e não se concentra restritamente nos aparelhos do Estado. Pelo contrário, ele “está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2018, p. 101). Isso não quer dizer, no entanto, que o poder é algo que se detém como uma propriedade, e tampouco se compartilhe. Longe disso, é exercido por um outro sujeito, um ou outro grupo, coletivamente ou individualmente.

Se relermos Harry Potter sob esta ótica, veremos que há claramente um constante exercício de poder entre duas forças: uma organizada por Lorde Voldemort, o bruxo cujo objetivo é governar tanto o mundo mágico quanto o mundo não-mágico; e Harry Potter, a quem



foi encarregado de impedir os interesses de Voldemort, o bruxo maligno, que após fracassar tentando assassinar Harry em 31 de outubro de 1981 e perder a forma física de seu corpo, retorna com a finalidade de dar continuidade ao plano inicial de governo da população. Em contraponto, sabendo dos interesses de Lorde Voldemort, Harry passa então, ao lado de aliados, a impedir a dominação de Voldemort. É nesse contexto, portanto, que se desenrola e visualiza as relações de poder entre ambas as forças.

Pois mesmo diante de um provável cenário em que Voldemort pudesse dominar a população, governar a tudo e a todos, ou ainda, considerando que houve durante um curto período a imposição de regras e acuação de parte da sociedade perante Voldemort, quando caçou-se o “indesejável Harry Potter”, é sabido que “não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2006a, p. 232). Daí que, como a narrativa mostra, a força do bruxo das trevas não prevaleceu. Existiu a atuação de forças que visavam a derrota de Voldemort, a exemplo da *Ordem da Fênix*, assim definida pela personagem Hermione:

– Que lugar é esse afinal? – perguntou de repente a Rony e a Hermione. – A sede da Ordem da Fênix – respondeu Rony na hora. – Alguém vai se dar o trabalho de me dizer o que essa Ordem...? – É uma sociedade secreta – disse Hermione depressa. – Dumbledore é o responsável, fundou a Ordem. São as pessoas que lutaram contra Você-Sabe-Quem da última vez. (ROWLING, 2015a, p. 59) A ordem da fênix

A constituição da *Ordem da Fênix* evidenciou uma sociedade com o objetivo de resistir à vontade de dominação encapada por Voldemort, operando a partir de estratégias que visavam desestabilizá-lo. Foi, no entanto, o enfrentamento promovido por Harry, Hermione e Rony que demarcou “um campo das relações de força” mediante “táticas cambiantes e múltiplas analisáveis” (SAMPAIO, 2007, p. 04), possibilitando a destruição do bruxo. A narrativa mostra que a coleção das *horcruxes* – objetos em que continham partes da alma de Voldemort – tornou-se um desafio e igualmente um ato de resistência aos poderes e a dominação do Lorde das Trevas, uma vez que a cada passo e reunião das peças, e conseqüentemente sua destruição, Harry, Hermione e Rony promoviam um contra-ataque, cujo gesto vai ao encontro do que diz Machado (2017, p. 15), ao firmar que “os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e nesse complexo os micropoderes existem”. Disso advém o



entendimento sobre as micro-lutas e microrresistências contra as práticas de governo impostas por Voldemort. Harry e os amigos, ainda que em minoria, traçaram estratégias e táticas diversas a fim de obterem sucesso na execução do plano de derrotar o Lorde das Trevas e, somente em razão das práticas de resistências – em menor proporção e pouco arregimentada – foi possível pôr fim à governança do bruxo.

Fica mais nítido a compreensão de que o poder, portanto, não está centrado na figura do Estado – ou, no caso de *Harry Potter*, no Ministério da Magia, instituição que Voldemort, na última obra, se apoderou e utilizou para caçar Harry. Conforme frisa Machado (2017), é exatamente esta problemática que Foucault buscou mostrar, que “o Estado não é o ponto de partida necessário, o foco absoluto que estaria na origem de todo tipo de poder social” (MACHADO, 2017, p. 16); pelo contrário, pois na verdade, o poder não está localizado em um único ponto específico, mas difuso e disperso nas malhas sociais, funcionando “numa rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa” (MACHADO, 2017, p. 17). Ao invés do confronto direto, Harry escolhe uma tática sutil e mais silenciosa e somente dispõe-se participar da Batalha de Hogwarts, última batalha da Segunda Guerra Bruxa, após o enfraquecimento de Lorde Voldemort em razão da destruição das *horcruxes*.

## SILENCIAMENTO DISCURSIVO DO NOME VOLDEMORT

Embora tenham derrotado Lorde Voldemort, antes disso houve um extenso percurso e densas relações de poder ao longo de toda a narrativa de J.K Rowling. Tanto é que, em razão do medo e terror que a aparentemente simples pronúncia do nome de Voldemort provocava, havia constantemente o apagamento da nomeação do bruxo pelos personagens. Lorde Voldemort era frequentemente chamado como “Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado”, “Você-Sabe-Quem” ou “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado”, conforme anteriormente pontuado. Para ilustrar, recuperamos o trecho abaixo:

– *Ia ser uma graça se, no próprio dia em que Você-Sabe-Quem parece ter finalmente ido embora*, os trouxas descobrissem a nossa existência. Suponho que ele realmente tenha ido embora, não é, Dumbledore? – Parece que não há dúvida. Temos muito o que agradecer. Aceita um sorvete de limão? – Um o quê? – Um sorvete de limão. É uma espécie de doce dos trouxas de que sempre gostei muito. – Não, obrigada – disse a Profa. Minerva com frieza,



como se não achasse que o momento pedia sorvetes de limão. – *Mesmo que Você-Sabe-Quem tenha ido embora. – Minha cara professora, com certeza uma pessoa sensata como a senhora pode chamá-lo pelo nome. Toda essa bobagem de Você-Sabe-Quem, há onze anos venho tentando convencer as pessoas a chamá-lo pelo nome que recebeu: Voldemort. – A professora franziu o rosto, mas Dumbledore, que estava separando dois sorvetes de limão, pareceu não reparar. – Tudo fica tão confuso quando todos não param de dizer “Você-Sabe-Quem”. Nunca vi nenhuma razão para ter medo de dizer o nome de Voldemort. – Sei que não vê – disse a professora parecendo meio exasperada, meio admirada. – Mas você é diferente. Todo o mundo sabe que é o único de quem Você-Sabe... ah, está bem, de quem Voldemort tem medo.* (ROWLING, 2015b, p. 13-14, grifos nossos)

O diálogo acima ocorre entre Alvo Dumbledore e a professora Minerva na noite em que Voldemort tentara assassinar Harry Potter. O tema que circunscreve a conversa é o motivo do silenciamento do nome de Lorde Voldemort, apontado por Dumbledore como sem fundamento, uma vez que, para ele, não há *nenhuma razão para ter medo de dizer o nome de Voldemort*. O argumento de Dumbledore procura justificar o silenciamento promovido pela professora Minerva ao chamar Voldemort de “Você-Sabe-Quem”, figura que, mesmo onipresente, provocava horror a quem o pronunciava. Para Minerva, pelo o que se constata no implícito, há uma correlação de força que iguala Voldemort a Dumbledore, por isso este não receia em falar livremente daquele. Fica evidente que, por Dumbledore deter magia semelhante – ou até maior do que Voldemort –, não há impedimento que o leve a silenciar o nome do bruxo das trevas. Isso, no entanto, se limita – num primeiro momento – ao diretor de Hogwarts, daí que os demais da comunidade bruxa evitam nomear Voldemort com todas as letras.

Do ponto de vista psicológico, a comunidade bruxa sofreu de onomatofobia generalizada, ou seja, medo de pronunciar ou ouvir determinada palavra ou nome (RAFAILOV, 2003), cabendo apenas a Dumbledore e mais tarde a Harry romper o silenciamento. Em *A Câmara Secreta*, a autora volta a frisar o fenômeno do apagamento do nome Voldemort: “Com a idade de um ano, Harry por alguma razão sobrevivera aos feitiços do maior bruxo das trevas de todos os tempos, Lorde Voldemort, *cujo nome a maioria dos bruxos e bruxas ainda tinha medo de pronunciar* (ROWLING, 2015c, p. 11, grifos nossos). Não fica claro, na narrativa, o

motivo que levou a sociedade bruxa a promover esse silenciamento – embora tenhamos o temor ao bruxo das trevas e, por tabela, o temor à morte que sua presença traz.

Em razão disso, a sociedade bruxa provavelmente fortaleceu ainda mais Voldemort, uma vez que, se “o discurso veicula e produz poder”, igualmente “o silêncio e o segredo dão guarida ao poder” (FOUCAULT, 2018, p. 110), daí que não chamar pelo seu nome potencializava as investidas de dominação e governo. Na esteira de Orlandi (2007), o silêncio garante a produção de sentido, o que implica dizer que sempre se fala por ele, ou seja, se uma sociedade se cala e se subordina ao medo, o algoz dela, que promove este medo e consequentemente o silenciamento, reveste-se de maior poder e segurança para por em prática seus desejos.

É evidente que aqui não há um silêncio absoluto da palavra, pois há uma pronúncia não equivalente ao próprio nome do sujeito, mas um substituto. Ou seja, não se trata de um lugar vazio da linguagem, ausência do discurso, um não-dito. Na verdade, diz respeito a um silenciamento que prescreta analisar “o fato de que, para dizer ‘x’, é preciso não dizer ‘y’ (ORLANDI, 2007, p. 64), entendimento que Orlandi denomina de política do silêncio – manifestação que consiste em produzir um “recorte entre o que se diz e o que não se diz” (ORLANDI, 2007, p. 73), determinando os limites das formações discursivas e os enunciados delas originadas. Essa política do silêncio, portanto, põe em funcionamento regras sociopolíticas que possibilitam “não dizer dizendo”. Ao se referirem, por exemplo, a Voldemort, os bruxos costumam frequentemente substituir por “Você-Sabe-Quem”, como se assim quisessem minimizar o horror que o nome representa e a memória de um passado sombrio. Leiamos os fragmentos abaixo:

– Harry Potter é humilde e modesto – disse Dobby, reverente, as órbitas dos olhos brilhando. – *Harry Potter não fala de sua vitória sobre Ele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado... – Voldemort? Dobby cobriu as orelhas com as mãos e gemeu. – Não fale o nome dele, senhor! Não fale o nome dele!* – Desculpe – disse Harry depressa. – Sei que muita gente não gosta de falar. Meu amigo Rony... (ROWLING, 2015c, p. 17, grifos nossos).

Harry nem conseguia se sentar. Andava para cima e para baixo na frente da lareira. Continuava a tremer. – *Snape quer a pedra para Voldemort... e Voldemort está esperando na floresta...* e todo esse tempo pensamos que



Snape só queria ficar rico. – *Pare de repetir esse nome!* – disse Rony num sussurro de terror, como se Voldemort pudesse ouvi-los. Harry nem o escutou. – Firenze me salvou, mas não devia ter feito isso... Agouro ficou furioso... falou de interferência naquilo que os planetas anunciaram que ia acontecer. *Eles devem estar indicando que Voldemort vai voltar... Agouro acha que Firenze devia ter deixado Voldemort me matar... Imagino que isso também esteja escrito nas estrelas.* – *Quer parar de dizer esse nome?* – sibilou Rony. (ROWLING, 2015b, p. 145, grifos nossos).

A angústia que provoca a nomeação de Voldemort, como visto nas reações de Rony e Dobby, retoma uma memória discursiva recorrente na literatura ocidental: o silenciamento do nome do diabo. Conforme identificam Magalhães e Brandão (2012), a figura do diabo passou por várias representações nos escritos literários e frequentemente recebeu outras qualificações e nomes. Esse comportamento provavelmente advém da uma tradição cultural primitiva daquilo que Malinowski denominou de pensamento mágico, ou seja, falar ou pensar determinada palavra deveria ser algo a evitar, a fim de que certa entidade não fosse involuntariamente invocada ou fortalecida (MALINOWSKI APUD SANTOS, 2015).

A expressão “falando no diabo, ele aparece”, quando se menciona o nome de uma pessoa, exemplifica bem esse fenômeno cultural. Tal teoria explicaria, portanto, o motivo de pouparem a nomeação do bruxo das trevas em *Harry Potter*. Ora, se Voldemort é um mal a ser evitado, naturalmente deve-se emudecer aquilo que pode provocá-lo a surgir – o seu próprio nome. A relação que se faz de Voldemort, implicitamente, é com o próprio diabo, por isso o medo e a angústia em citá-lo.

Na narrativa, tanto o silêncio quanto a interdição se correlacionam, pois ainda que o silenciamento seja uma prática política, o exercício de poder investe numa interdição da palavra. Não há como dissociar o poder do comportamento cotidiano, uma vez que, conforme explicitado, o poder está imbricado nas malhas da sociedade. Tratando especificamente do silêncio da palavra Voldemort, a própria onipresença deste condiciona a sua nomeação, refletindo diretamente nas relações de força. Nesse caso, somente Harry e Dumbledore resistem e logo pronunciam livremente “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado”.

Trata-se, portanto, de uma temática discursiva que compreende a formação de um objeto. O discurso de resistência aqui não é um confronto deliberado, mas uma atitude que demarca uma posição-sujeito. Quando nomeiam o bruxo das trevas, Harry e Dumbledore se



firmam como símbolos de resistência, os únicos capazes de contrapor as vontades de dominação de Voldemort. Ao pronunciarem seu nome, investem igualmente num discurso de liberdade, uma vez que a resistência ao poder de Voldemort resultaria na libertação do bem contra o mal, do nascimento da coragem em contraste ao medo inscrito historicamente na comunidade bruxa.

Os efeitos de liberdade, no entanto, aparecem somente após a morte de Voldemort, sem o rompimento ou quebra do silenciamento secular promovido pelos bruxos. Por outro lado, falar o nome “diabo” sucumbiu junto com a morte do vilão. Mesmo depois do empoderamento da comunidade bruxa, inspirado pelo símbolo de resistência que Harry se tornou, que resultou na Batalha de Hogwarts, houve ainda assim o emudecimento da palavra proibida. O enfrentamento à Voldemort ocorreu na forma física, enquanto na verbal padeceu sufocada. O medo advindo do que pode ter se tornando uma fobia persistiu mesmo após a morte do vilão, ainda que a resistência tenha sido desenvolvida e praticada no final da narrativa.

Retornando às modalidades enunciativas, fica notório, pelo o que aqui já foi exposto, o estatuto de quem fala e o lugar institucional. Harry e os amigos se subjetivam como os únicos de toda aquela sociedade com o *status* de opositor à Voldemort ao assumirem a posição-sujeito de resistência. Isso fica especificamente demarcado pelo simples fato de nomearem o vilão. Quanto ao lugar institucional, não há de falar na figura de institucional de Estado, pois independe para a discursivização. O que propicia dizer isto ou aquilo na sociedade são as relações de poder, logo, não se restringe a um “lugar de fala”, como se disso fosse necessário para autorizar Harry a se pronunciar. Por se tratar sobretudo de resistência, bastaria a existência de um “mero” poder para que houvesse seu exercício e, portanto, produzisse certo discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso no Brasil se constitui como um campo diverso e transdisciplinar, não restringindo-se a uma disciplina ou área de saber, transcendendo, portanto, a linguística. No caso da AD “com” Foucault, o dito método arqueogeneológico oferece um vasto e riquíssimo arsenal teórico, embora ainda não haja uma verdadeira compreensão do que se trata este método (NAVARRO, 2020). Isso, no entanto, não tem sido obstáculo para as pesquisas desenvolvidas, ora servindo-se de discursos midiáticos, ora de discursos políticos, ora de discursos literários, apenas para citar poucos exemplos.



Como sugerem Veiga-Neto e Reich (2014), as teorizações de Foucault não devem ser usadas como “pau para toda obra”, apenas para cumprir as aspirações de pesquisadores – sobretudo por haver certas limitações. É verdade, no entanto, que os conceitos da fase arqueológica possibilitam maior integração dos discursos, talvez pelo traço estrutural que os circunscrevem; contudo, ainda assim, o método arqueogeneológico como um todo tem se mostrado pertinente e viável nos estudos discursivos. Neste trabalho pudemos discutir as relações de poder e discurso a partir da obra de J. K Rowling, atestando a produtividade das noções suscitadas.

Ao trazer *Harry Potter* para o foco da análise do discurso foi possível refletir como o discurso e as relações de poder observadas se desenvolvem durante toda a trama, servindo de ilustração para compreender este denso e complexo mecanismo que é o poder. O discurso, por sua vez, foi refletido em razão do silenciamento promovido no nome Voldemort, que, como visto, está diretamente relacionado ao exercício de poder. A literatura, nesse sentido, nos fornece fortes elementos para didatizar as problemáticas do discurso, contribuindo para o avanço da discussão no campo discursivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. *Michel Foucault: o poder*. 1. ed. São Paulo: Editora Politeia, 2020.
- DURÃO, F. A. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *D.E.L.T.A.* v. 31-especial, p. 377-390, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- FERNANDES, C. A.; ALVES JÚNIOR, J. A. Sujeito discursivo e construção identitária do mendigo. In: NAVARRO, P. (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 101-110.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul (Orgs). *Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 230-249.
- \_\_\_\_\_. Poder e saber. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 244-240.
- \_\_\_\_\_. Poderes e estratégias. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 241-252.



- \_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz & Terra, 2018.
- MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- MAINGUENEAU, D. Formação discursiva, unidades tópicas e não-tópicas. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2020. p. 195-209. Disponível em: <https://www.lettraria.net/wp-content/uploads/2020/03/An%C3%A1lise-de-discurso-apontamentos-para-uma-hist%C3%B3ria-da-no%C3%A7%C3%A3o-conceito-de-forma%C3%A7%C3%A3o-discursiva-Letraria.pdf>.
- MAGALHÃES, A. C. M.; BRANDÃO, E. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In: MAGALHÃES, A. C. M., et al. (Orgs). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 277-290.
- NAVARRO, P. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. *Moara*, Belém, v. 1, n. 57, p. 8-33, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- PEREIRA, P. G. A constituição das posições-sujeito aluno e professor de inglês por acadêmicos do curso de Letras. *Anais do SILEL*. vol. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2065.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.
- ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2007.
- AFAILOV, I. *Dicionário Igor de fobias: com sinônimo e termos correlatos*. Recife: Editora Livro Rápido, 2003. p. 117.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a, 640p.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015b, 208p.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015c, 224p.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015d, 640p.

SAMPAIO, S. S. Resistências. *Revista Aulas*, Campinas, v. 3, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/article/view/1937/1398>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SANTOS, J. F. de C. G. dos. *Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de Harry Potter*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

VEIGA-NETO, A.; RECH, T. L. *Esquecer Foucault? Pro-Posições*. Campinas. v. 25, n. 2, p. 67-82. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200004>. Acesso em: 28 jul. 2021.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

VOSS DOS SANTOS, J. Especificidades do discurso e das formações discursivas para Michel Foucault: práticas discursivas e não discursivas. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2020. p. 338-360.

VOSS, J. O objeto do discurso como princípio de caracterização de uma formação discursiva: sobre a responsabilidade social na publicidade impressa brasileira. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez, 2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/610/345>.

Acesso em: 20 jul. 2021.